

Autor: *Urania Tourinho Peres* - Colégio de Psicanálise da Bahia

Título: *Âncoras da escuta*

Dispositivo: Plenários

Juventude, poesia, e barbárie não são
inimigas: no olhar do bárbaro há inocência,
no do jovem, apetite de vida, e no do poeta
há assombro.¹

Octavio Paz.

A leitura do artigo de Carlo Ginzburg, *Estranhamento Pré-história de um procedimento literário*, foi um estímulo para continuar pensando a especificidade da psicanálise.² Quando estamos trabalhando alguma questão, quando a mantemos permanentemente em nosso pensamento, parece que algumas leituras nos atraem ou **criamos uma particular sensibilidade para retirar contribuições de tudo o que lemos, e, por que não, de tudo o que contemplamos e escutamos**. Assim foi com o texto que citamos do Ginzburg. Ora, a questão do estranhamento, em princípio, deve nos acompanhar, ser familiar, se verdadeiramente atuamos da maneira que nos sugere Freud, sem um saber prévio, com estranhamento, portanto. Por outro lado, sabemos que o estranhamento da realidade, tão comum às crianças ainda não excessivamente domesticada pelo aprisionamento das palavras, é, também, um elemento essencial para a criação, seja em que campo for. É exatamente por estranhar o já dito, o já sabido, o já construído, o já visto e escutado que podemos inovar.

Ginzburg parte da análise de uma carta enviada por Viktor Chklovski a Roman Jakobson, em 1922. Dois nomes que estariam associados, posteriormente, ao primeiro formalismo russo. Vou transcrever um trecho que o nosso autor cita, pois, foi exatamente aí que a questão colocou-se para nós.

¹ PAZ, OCTAVIO - *Vislumbres da Índia - um diálogo com a condição humana*. Editora Mandarim, 1997 São Paulo. P.18.

² GINZBURG, Carlo - *Olhos de Madeira- Nove Reflexões sobre a Distância* ps . 15 - 41.

Para ressuscitar nossa percepção da vida, para tornar sensíveis as coisas, para fazer da pedra uma pedra, existe o que chamamos de arte. O propósito da arte é nos dar uma sensação das coisas, uma sensação que deve ser visão e não apenas reconhecimento. Para obter tal resultado, a arte se serve de dois procedimentos: o estranhamento das coisas e a complicação da forma, com a qual tende a tornar mais difícil a percepção e prolongar sua duração.³

Chklovski chama a atenção para uma distinção entre visão e reconhecimento. O ver comportando o estranhamento, a possibilidade de captação do novo e o reconhecer como uma incorporação do já sabido. Divisão que nos poderia conduzir a uma outra distinção, que nos é familiar, entre o escutar e o ouvir, entre o dizer e o falar. A escuta analítica, despojada do reconhecimento automático, é uma escuta que não se esgota na compreensão do escutado, mas faz leitura do dito com base na dimensão de escritura que traz a fala do analisando.

Poderíamos dizer, plagiando o trecho citado: para ressuscitar nossa escuta, para tornar as palavras, palavras, para encontrar o dizer no dito, existe a psicanálise e, podemos acrescentar, a poesia. O propósito da psicanálise é nos dar uma audição das palavras que deve ser escuta, leitura da palavra, e não reconhecimento. Para obter tal resultado, a psicanálise serve-se de dois procedimentos: o estranhamento das palavras e a complicação dos conteúdos, com os quais tende a tornar mais difícil a escuta e prolongar a sua duração.

Ainda no mesmo texto, Ginzburg evoca a noção proustiana de memória involuntária. Proust publica o primeiro volume da *Recherche* em 1913. Sabemos que toda a obra do genial escritor francês repousa sobre a memória, e cremos não ser por acaso que sem registro que se tenham lido, Freud também trabalha a memória. Proust nos apresenta uma distinção entre a anamnese, ou seja, o que ele se refere como a memória intelectual e a memória involuntária. A primeira, monótona, desprovida de encanto e atrativos. Uma reprodução empobrecida, a que acrescentaríamos, sem surpresa, estranhamento e sideração. A segunda, uma construção criativa do passado.

³ Idem, p.16.

“[...] la meilleure part de notre mémoire est hors de nous [...] Hors de nous? En nous pour mieux dire, mais dérobée à nos propres regards, dans un oubli plus ou moins prolongé. C’est grâce à cet oubli seul que nous pouvons de temps à autre retrouver l’être que nous fûmes”.⁴

...a maior parte de nossa memória está fora de nós,[...] Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. Graças tão somente a esse olvido é que podemos de tempos a tempos reencontrar o ser que fomos...⁵

Mais que uma transmissão de fatos de uma maneira linear, importa a Proust “uma exposição de lembranças na ordem em que elas se apresentam ao espírito”.⁶ Para Proust, o lado criativo da rememoração, quando uma simples captação de um perfume pode conduzir a elaboração presente, de um momento vivido no passado, carregado de impressões e sentimentos. Não há uma preocupação com os dados da realidade, com a sucessão de fatos no tempo, o “espírito” cumpre sua missão.

Chklovski extrai a idéia de estranhamento, sobretudo, de exemplos na obra de Tolstoi, dentro de uma tradição intelectual, que, para Ginzburg, remota a Marco Aurélio na busca do “verdadeiro princípio causal como antídoto para as falsas representações (...) o estranhamento é um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade”.⁷

O autor, em que pese marcar uma distinção no que se refere ao estranhamento em Tolstoi e Proust - qualificando o primeiro como uma “crítica moral e social” e o segundo como uma procura de “uma imediatez impressionista” - os unifica, entretanto, como “uma tentativa de apresentar as coisas como se vistas pela primeira vez”⁸.

⁴ Michel- Thiriet, Philippe, *Quid de Marcel Proust* in Proust, *A La Recherche du Temps Perdu*, Editions Robert Laffont, Paris, 1987, p.214

⁵ Proust, Marcel *Em busca do tempo perdido, A sombra das Raparigas em Flor*. Editora Globo. Rio de Janeiro, 1981 Tradução de Mário Quintana. p. 172

⁶ *Idem*, p. 215. “un exposé des souvenirs dans l’ordre où ils se présentent à l’esprit.”

⁷ Ginzburg, op cit p.36.

⁸ Ginzburg, op cit p. 36.

Em 1899, Freud publica seu texto “Über Deckerinnerungen”⁹, traduzido para o português como “Lembranças Encobridoras”. A preocupação com a memória o acompanha desde os seus primeiros escritos. Entretanto, o texto que comentaremos é o que apresenta com maior riqueza as suas primeiras descobertas e especulações sobre o tema. Freud se interroga por que e a partir de que a memória estabelece uma seleção entre os elementos da experiência, suprimindo, frequentemente, o mais importante e retendo fatos insignificantes. A lembrança encobridora tem o seu valor como lembrança, menos pelo conteúdo que apresenta do que pelas “relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido”. Freud nos chama a atenção para a complexa construção que se efetua entre os resíduos de lembranças e as alterações por que passam as recordações que encobrem esses fatos. As lembranças são construções que se efetuem ao longo da vida, em que fragmentos registrados de uma experiência são adornados com acréscimos posteriores, qual um mosaico que se constrói de pequenas peças e que acaba por compor um todo mais ou menos harmonioso. O texto dirige-se especialmente para as lembranças infantis, e ele acaba por concluir que o retrato que fazemos da infância não decorre de uma fidedignidade à experiência, mas é, em verdade, revestido pela influência de períodos posteriores, nos quais ocorreram as recordações.

Freud irá referir-se, posteriormente, às lembranças encobridoras como “fantasias retrospectivas”. Não podemos, portanto, evitar o estranhamento frente às nossas recordações. Um passado revisitado, contemplado como se fosse pela primeira vez. Um passado que cede o lugar do vivido ao lugar do construído, pois a rememoração é uma construção, como nos lembra Proust, um trabalho do espírito.

Freud não se afasta da memória involuntária proustiana, e não é difícil encontrar uma aproximação entre as preocupações dos dois autores. A obra de Proust foi, sem dúvida, um exercício de rememoração, e podemos acompanhar a importância que ele atribuiu ao esquecimento, pois, só o esquecimento permite a riqueza da recordação pelo exercício da memória involuntária. O esquecimento, sem dúvida alguma, é condição do estranhamento. O elemento de criação impõe-se ao fator

⁹ FREUD, SIGMUND *Lembrança encobridora*, Obras Completas 2 ed. 1969, Rio de Janeiro

reprodução. Não há, pois, recordação sem criação. Não há reconstrução da realidade sem a implicação subjetiva, e a busca do artista atesta essa evidência.

Mas a psicanálise não se satisfaz em ser arte, ela não é arte, tampouco aceita as limitações da cientificidade. Entre arte e ciência ela oscila, quem sabe, talvez, a nos abrir um novo caminho.

Em 12 de março de 1958, no seminário *As formações do inconsciente*, Lacan nos diz:

O pressuposto mínimo de nosso trabalho é que vocês percebam o que tentamos fazer aqui. O que é, em outras palavras, levá-los sempre ao ponto em que as dificuldades, as contradições e os impasses que são o tecido de sua prática possam aparecer diante de vocês em seu verdadeiro alcance, ainda que vocês se esquivem deles, reportando-se a teorias parciais ou até mesmo praticando escamoteações e deslizamentos de sentido nos próprios termos que empregam, os quais são também a sede de todos os álibis.¹⁰

Essa busca da especificidade de nossa prática nos levou mais uma vez a ancorar em outros mares. A leitura de uma aula ministrada por Michel Foucault em 23 de fevereiro de 1983, e publicada no *le magazine littéraire* ¹¹n. 435, p.60, nos faz avançar em nosso caminho. Foucault diz que irá analisar, na série de textos que propõe, o tema da escuta na filosofia, e inicia esquematizando três pontos.

1- A filosofia não será um discurso, não será real se não for escutada.

2- Um discurso filosófico não será real se não for acompanhado, sustentado e exercido como uma prática, através de uma série de práticas.

3- A terceira questão refere-se às provas a que Platão submete Diôn e nas quais ele fracassa. Diôn recusa a seguir o longo caminho da filosofia e não escuta a primeira lição, admitindo que já sabia “as coisas mais importantes”. Ele não enfrenta as duras práticas e exercícios e comete “uma falta direta e imediata”. Escreve um tratado de filosofia, um manual, e, por fazê-lo, Platão

¹⁰ Lacan, Jacques, *As Formações de Inconsciente, Seminário livro 5*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999 p. 280

¹¹ *Le magazine littéraire* n. 435 p. 60

aponta aí a sua incapacidade para encontrar o real da filosofia. Platão recusa-se a escrever.

A ênfase na escuta, o exercício de uma prática e a impossibilidade do saber ser, objetivado e contido em um manual, são pontos que se aproximam, novamente, da psicanálise.

A experiência com a psicanálise - desde a análise pessoal ao trabalho com a teoria ou o convívio institucional - vai fortificando a incredulidade no já sabido, no já conhecido, e desenvolvendo exatamente a nossa capacidade de estranhamento. Não apenas a nossa escuta assume uma dimensão inovadora, mas toda a nossa percepção da realidade. A especificidade da psicanálise ganha força na medida em que amplia o seu universo familiar de parentesco com a ciência, a arte, a literatura, a matemática, a filosofia e a religião que bordejam o nosso fazer e comparecem em nossas escutas e falas. Trago para o plural, mas trabalhamos no singular: cada analista, cada analisante. Singularidade levada ao extremo na prática de cada um.

A leitura do seminário de Lacan de 1978 – 1979, que recebe o título *O momento de concluir*, constitui-se para mim sempre renovada e sempre produtora de um efeito de estranhamento. Leio, de um lado, as conclusões a que chega Lacan depois de anos de prática clínica e ensino, sempre mantendo a preocupação de nos transmitir, ou dar a si mesmo, a resposta do que é a psicanálise, o que é o inconsciente e, sobretudo, o que é este legado que nos deixou Freud. Por outro lado, encontramos um grande esforço, aqui não-conclusivo, de buscar um caminho ou, melhor dito, um esforço de realização de um apelo, uma aspiração que seguramente o sustentou por toda a sua vida - encontrar a resposta que ele sabe não existir.

O sonho e sua interpretação foi a porta principal de que Freud se serviu para iniciar a sua aspiração de ser um descobridor. Lacan retoma a palavra usada por ele: *wunsch* e nos adverte: *wunsch* é uma palavra alemã que pode ser pensada como um anelo, uma aspiração, um voto dirigido a alguém, a um interlocutor e, assim sendo, conclui Lacan, encontra-se na magia. Um sonho transporta, quem sabe, a aspiração de toda uma vida ou toda nossa vida não passa de um sonho. “Freud na *Interpretação dos sonhos*, sobre o sonho, por associação livre ele sonha”.¹²

¹² Lacan, Jacques. *O Momento de Concluir*. Seminário inédito, aula de 11 de abril de 1978.

Lacan nos sinaliza no seminário citado dois caminhos, talvez seja melhor dizer que encontrei dois caminhos indicados como conclusivos, possíveis de responder ao seu apelo ou, quem sabe, responder ao nosso: a poesia e a matemática. Ele assinala o caráter de escritura das matemáticas: “Las matemáticas hacen referencia al escrito, al escrito como tal, y el pensamiento matemático es el hecho de que uno pueda representarse un escrito”. As matemáticas respondem ao apelo de Lacan, e ele elege um interlocutor no tempo em que elege a matemática. Ele interroga Soury, e frente à resposta do matemático diz: “ Assim é. Que bom, estou muito contente de saber porque havia quebrado minha cabeça com esse erro. Bem, creio que Soury atendeu a nossos votos, e de minha parte continuaria na próxima vez. Así es. Bueno, estoy muy contento de saberlo porque me habia roto la cabeza com esse error. Bien, creo que Soury há colmado nuestros votos y por mi parte continuaria la próxima vez.” Soury preencheu, atendeu (será que podemos usar esse verbo?), mas não encerra a sua busca, pois suas últimas palavras são: “Por mi parte continuaria la próxima vez.”¹³

Tomo essa afirmativa de Lacan porque encontrei nela um instante de seu apaziguamento frente à estranheza de sua busca sempre dirigida a um real impossível de ser atingido pela palavra. Dedicando-se a uma prática da palavra, será no campo da matemática que seu voto, sua aspiração, seu *wunsch* será apaziguado, preenchido.

A psicanálise “uma prática da palavra que procura desconstruir pela palavra o que foi por ela construído”, mas de que desconstrução se trata, se para a psicanálise o que importa é a inscrição do sujeito na ordem simbólica, o ser falante? Talvez por isso mesmo o analista procure a retórica, a lógica, a topologia, a arte, em sua tentativa de bordejar a verdade que ele sabe por princípio ser enganosa, pois as palavras enganam. (2). Tentamos dizer a verdade, diz Lacan, mas isso não é fácil, pois grandes são os obstáculos para que se a diga. A verdade tem a ver com o real e com a sua impossibilidade de ser dito. Tendo a palavra sempre como uma tentativa, e com a convicção de que o mistério do mundo não se revela, e as tentativas de explicação são hipóteses, Lacan deposita no trabalho com a topologia,

¹³ Idem, p. 69. Así es. Bueno, estoy muy contento de saberlo porque me habia roto la cabeza com esse error. Bien, creo que Soury há colmado nuestros votos y por mi parte continuaria la próxima vez.”

nós e tranças, a aspiração de poder nos mostrar como opera o analista e, conseqüentemente, o que nos desvela a psicanálise. Situando o fantasma como ponto de partida de toda racionalidade, ciência, arte, filosofia e religião, o que se repete é a origem fantasmática, “e o fantasma não é um sonho é uma aspiração”.¹⁴ No início está, pois, o fantasma, nele e a partir dele construímos ou ancoramos nossa construção da realidade, e dentro desta a da psicanálise.

Voltamos ao título do seminário *O momento de concluir* e nos interrogamos duplamente: qual, de fato, é o tempo, o momento de concluir, e que conclusão acontece, se conclusão há? O seminário seguinte será *A Topologia e o Tempo*, e Lacan inicia dizendo : “Há uma correspondência entre topologia e prática. Essa correspondência consiste nos tempos [...] Há apesar de tudo uma hiância entre psicanálise e topologia , é nisso que me esforço...”¹⁵

Devo concluir, e quero fazê-lo na certeza que a psicanálise é um esforço, um esforço de nos deixar guiar pela nossa aspiração, nossos votos e sonhos. Cada um de nós joga sua âncora no porto mais próximo do seu desejo. A minha âncora está lançada na resposta que uma prática me confirma, ainda que no mar do estranhamento.

BIBLIOGRAFIA

GINZBURG, Carlo – *Olhos de madeira*, Companhia Das Letras, 2001, São Paulo.

PROUST, Marcel – *Em busca do tempo perdido – À Sombra das Raparigas em Flor*, vol II, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1981

PROUST, Marcel - *A La Recherche du Temps Perdu*, Éditions Robert Laffont, S.A. , Paris 1987.

LACAN, Jacques – *O momento de concluir*, Seminário XXV, 1977-1978, inédito.

LACAN, Jacques – *A topologia e o Tempo*, Seminário XXVI, 1978 -1999, inédito.

¹⁴ Idem. p.1

IV CONGRESO INTERNACIONAL DE CONVERGENCIA
LA EXPERIENCIA DEL PSICOANÁLISIS. LO SEXUAL: INHIBICIÓN, CUERPO, SÍNTOMA
8, 9 y 10 DE MAYO DE 2009 / BUENOS AIRES - ARGENTINA

¹⁵ Lacan, Jacques Seminário XXVI *A Topologia e o Tempo* Classe de 21 de novembro de 1978.